

# SUBSTANCIALIDADE E PRÁTICA TRANSDISCIPLINAR PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

Dália Rosenthal – USP

## RESUMO

O presente artigo busca oferecer um caminho para a reflexão da transdisciplinaridade e da prática transdisciplinar no contexto das licenciaturas em artes visuais. Por meio do relato reflexivo, construo ao longo do texto, uma abordagem de aproximação ao pensamento transdisciplinar pela via da substancialidade formadora dos campos de conhecimento operados pelo Conceito Ampliado de Arte e Escultura Social criados pelo artista e professor alemão Joseph Beuys.

Palavras chave: Transdisciplinaridade, Arte, Educação, Joseph Beuys.

## ABSTRACT

This article attempts to provide a way to reflect the transdisciplinary and its practice in the context of degrees in visual arts. By reporting reflexive construction throughout the text, an approach to transdisciplinary approach to thinking through the substantiality of forming knowledge fields operated by the Expanded Concept of Art and Social Sculpture created by German artist and teacher Joseph Beuys.

Keywords: Transdisciplinarity, Arts Education, Joseph Beuys.

## 1.0 Introdução

*A Tarefa de criar a essência do que a poesia terá de ser no futuro, tem que consistir nessas formas que se encontram em forças que de fato se transformam (...). Este é o objetivo central, uma definição muito precisa de como o trabalho com formas terá de proceder. Um objeto de trabalho de tal maneira, que só poderá existir como concepção de forma, quando o estético se relaciona com o trabalho humano em geral.*

*Joseph Beuys*

Este artigo aponta algumas reflexões que tenho levantado sobre substancialidade e prática transdisciplinar no trabalho que desenvolvo atualmente no Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo. Para tal, considero fundamental iniciar relatando um pouco de minha experiência formativa no sentido de revelar as principais camadas que se integram para dar origem ao *corpus* formador da reflexão presente. O motivo deste resgate se dá no próprio *modus operandi* da transdisciplinaridade.

O termo foi originalmente criado por Jean Piaget (1896-1980) no ano de 1970 na ocasião do I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice, na França e dirige-se para uma teoria do conhecimento alicerçada no diálogo entre diferentes áreas do saber visando sobretudo uma contribuição integradora entre **unidade** e **complexidade** do conhecimento. Como coloca Nicolescu<sup>1</sup> ser *trans* é estar *entre, através e além*. Assim, a transdisciplinaridade dirige a sua atenção para àquilo que está **entre** as disciplinas e suas linguagens, **através** das disciplinas e suas linguagens e **além** de qualquer disciplina ou linguagem.

Minha atual experiência na prática transdisciplinar como pesquisadora e docente é fruto do conjunto de minha formação; docência e prática como artista visual. Em todas estas esferas pude vivenciar durante a última década uma atuação de integração entre diferentes campos de conhecimento e linguagens.

Minha dissertação “**O Elemento Material na obra de Joseph Beuys**”<sup>2</sup> reflete o interesse de aprofundamento no legado deste artista que foi se mostrando como uma referência constante inicialmente pela proximidade de meu trabalho plástico com a questão material.

Durante os anos de mergulho na obra de Beuys pude viajar a Alemanha e percorrer as principais instituições que guardam o acervo do artista. O encontro com a obra e, sobretudo, com o pensamento e as teorias de Beuys, se afirmou como decisivos na minha práxis criadora. Suas reflexões acerca do papel da arte, da educação, da natureza, da espiritualidade humana e do foco principal tratado na dissertação - o elemento material -alimentavam-me diretamente, enriquecendo e amadurecendo princípios formativos já existentes.

Em seguida, trabalhando nos seis anos seguintes como professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo pude vivenciar na prática pedagógica os principais conceitos criados por Beuys - *Conceito Ampliado de Arte e Plástica Social* - ao ministrar simultaneamente disciplinas diferentes com conteúdos referentes às linguagens da fotografia, do desenho, da pintura ou do vídeo e; buscando operar com os mesmos; em propostas que refletissem minhas inquietações de como estas linguagens poderiam *modelar* questões específicas ao curso de Licenciatura?

No “Conceito Ampliado de Arte” e “Teoria da Escultura Social” o artista Joseph Beuys afirma sua posição sobre a arte como uma via de conhecimento que deveria, não apenas se expressar em todas as áreas da vida humana (Conceito Ampliado de Arte), mas também deveria agir mais diretamente “dentro” dos indivíduos e da *formação social*. Ou seja, o trabalho de arte deveria conscientizar as pessoas de que cada ser humano é um ser criador em potencial e com a capacidade de usar esta criatividade para moldar a sociedade em que vive. Este processo de modelagem da sociedade representaria assim a moldagem de uma grande escultura viva. Beuys a chamava de Escultura Social. Deste modo, cultura, política e educação passam a ser compreendidos como Escultura Social por serem maleáveis e moldáveis pelo pensamento humano<sup>3</sup>.

Assim, Beuys busca entender a criação pelo seu interior e aproxima o seu olhar para àquilo que estaria movimentando a própria linguagem por meio da qual cada criador escolhe operar. Agregado a esta idéia de interioridade estaria a de substancialidade. Como coloca Gonzáles<sup>4</sup>, em Beuys; o *Conceito Ampliado de Arte* e a *Plástica Social* atuam pela via do conceito de **transubstanciação**, que traz em si uma transformação integrada ao fluxo substancial que atravessa o ciclo da morte e da vida. E é dentro deste contexto, que Gonzáles aponta para a transubstanciação como a principal característica sobre a qual se situa a longitude do trabalho de Beuys: do *inconsciente individual (simbólico)* ao *corpo social*.

Posteriormente, com a tese de doutoramento em poéticas visuais **Do Interno no tempo**<sup>5</sup> apresento oito séries de trabalhos visuais que investigam um

diálogo entre a percepção temporal, a paisagem e a substancialidade por meio da fotografia (fig.1 e 2 e 5), da pintura (Fig.3) e do vídeo (Fig.4).



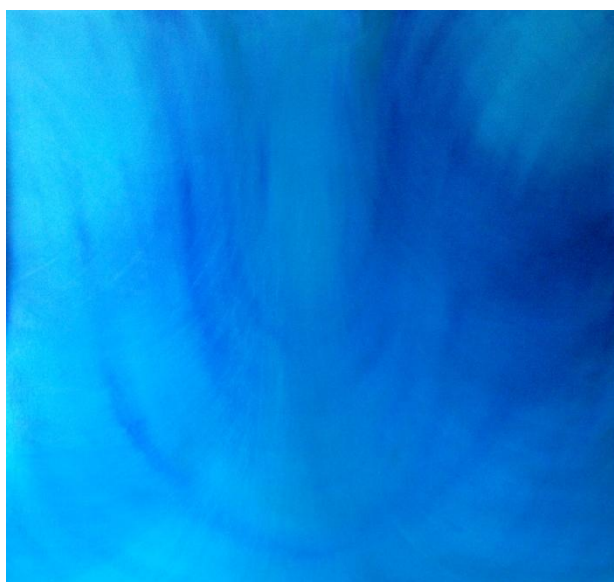
**Fig. 1- Série Broto, Impressão digital.** Esta Série traz a fotografia operada em linguagem pictórica. Integração de camadas com imagens de brotos formam paisagens substanciais.



**Fig. 02 – Santiago II. Série Paisagem de Contagem** na qual o minuto foi dividido em ciclos de 10 segundos respectivamente, o que resultou em 6 imagens justapostas que reconstruem o todo da paisagem observada.

O trabalho exhibe um corpo teórico que integra produção plástica, apontamentos pessoais de processo e referências teóricas e artísticas. No capítulo final, exponho como a questão da substancialidade configura-se num crescente como o eixo central de meu processo criador. Durante a primeira etapa de

construção das obras, esta se apresentou de maneira explícita na própria materialidade que compunha a retórica e a plástica de cada trabalho; assim como na organização simbólica que constantemente atribuía a cada material escolhido. Já no que considero uma segunda etapa de meu trabalho que se inicia a partir de 2002 com a entrada da fotografia e posteriormente do vídeo na concepção dos corpos visuais, a materialidade visivelmente expressiva e protagonista passa a sugerir-se como uma substancialidade imersiva que permeia o olhar construtor.



**Fig. 03 – Madona I** - Série de Pinturas que trabalham no óleo a integração de sobreposições matriciais.



Fig. 04- Vídeo Projeção Crepúsculos ATO II – Projeções simultâneas do entardecer em ritmos rotacionais distintos.



Fig. 05- Boa Vista - Série Estâncias: Panorâmicas não lineares de paisagens em trânsito.

Assim; na etapa seguinte e atual de minha produção como artista visual e que se apresenta como foco de investigação no doutoramento, a materialidade dá lugar a substancialidade formadora desta como um *núcleo construtor que utiliza as linguagens como uma via de modelagem de imagens e corpos pictóricos*. Na tese, esta presença substancial é reforçada pela inserção de apontamentos de processo que insinuam uma linhagem de influências entre artistas como o renascentista Leonardo da Vinci, modernos tardios como Joseph Beuys e Yves Klein ou contemporâneos como Bill Viola. Como espaço reflexivo e dialógico, aponto para

definições clássicas dadas a substancialidade, no campo da filosofia, sobretudo em Aristóteles:

“Substância: Etimologicamente, é "que está debaixo" ou o que permanece debaixo das aparências ou dos fenômenos. Contudo, o que caracteriza a substância não é sua relação aos acidentes, mas a subsistência própria. Substância é o que tem seu ser, não em outro, mas em si ou por si. Do mesmo modo que leva em si o ser, a substância leva igualmente em si o seu sentido e valor, podendo, por isso, em oposição aos acidentes, ser definida sem recorrer a um sujeito, a algo que a sustenha. A subsistência da substância, mercê da qual ela existe em si mesma, não exclui que deva o ser ao influxo de uma causa eficiente. Segundo seu caráter particular, a substância é uma certa persistência, absoluta, se trata da Substância divina; relativa, em face dos acidentes, nas substâncias finitas. Estas são sempre sujeitos de determinação accidentais. Toda substância é, outro sim, princípio interno de atividade, ou uma natureza. Distinguimos com Aristóteles, uma substância primeira e uma substância segunda: a primeira é o ser individual e determinado por acidentes reais, que não pode ser predicado de nenhum outro; a segunda é a essência universal, obtida a partir do individual por abstração e predicável da substância primeira<sup>6</sup>.

Destaco a questão substancial por acreditar que esta pode ser vista também como um conceito chave para pesquisa transdisciplinar. A busca substancial indica sempre uma procura por aquilo que se oculta abaixo da casca aparente e guarda uma natureza essencial e formativa daquilo que se desdobrará na forma.

Retiremos, por exemplo, algumas palavras do texto descritivo acima:

**relação – subsistência – outro – modo – sentido – valor – sujeito –  
influxo – causa - particular – persistência – absoluta- relativa - princípio  
interno – atividade – natureza - essência universal - abstração.**

Pode se dizer, *grosso modo*, que temos aqui neste conjunto de palavras o núcleo dos conceitos que regem a questão transdisciplinar. Como se da a relação entre disciplinas? O que subsiste? O que persiste? Como atuar com o outro? De que modo? Qual sentido atribui-se as naturezas de cada particularidade? Como

valorar? O que pode ser visto como absoluto e o que pode ser visto como relativo? Como acionar o influxo de uma causa ou de uma atividade? A essência universal nos leva a abstração? Como localizar o sujeito no princípio interno?

E muitas outras variantes poderiam se formar integrando estas palavras de modo diferente de acordo com a finalidade. A transdisciplinaridade implica na constante transformação. No fluxo contínuo do conhecimento que se move não a partir de suas beiradas, mas sim a partir de seus núcleos formativos que não são fixos, mas pulsantes e mutantes a cada momento. Acredito que as novas tecnologias podem nos ajudar pela sua natureza imaterial a lidarmos com estas questões que se apresentam no universo atual do educador. Mas não são elas que nos darão estas respostas. A transdisciplinaridade inclui a tudo, do artesanato ao vídeo, da palavra ao meio, da natureza individual a coletiva. É um grande desafio para a educação.

## **2.0 – Formação Transdisciplinar e processos de criação.**

Uma formação transdisciplinar exige, entretanto uma maior ênfase na questão criadora. O processo criador em si já se configura como uma profunda experiência da transdisciplinaridade. Para a criação de uma obra é necessária uma coleta interior de dados que não estão unidos a priori. Eles partem de experiências distintas e de observações que não obedecem a um tempo cronológico. Podemos misturar uma imagem que vivenciamos aos dois anos de idade com outra que vivenciamos aos 60, um cheiro com uma palavra, um punhado de terra com um filme. É um mecanismo natural da criação humana: observar, selecionar, misturar, integrar, reorganizar: diálogo entre naturezas formativas; entre substancialidades.

Os processos de criação dos artistas já contêm na própria natureza formativa, o princípio da pesquisa transdisciplinar. Desde o princípio o processo criador segue um caminho que se inicia na pesquisa perceptiva e sensível do encontro para então se direcionar ao fazer seja este manual ou visual. Também a prática de olhar para o entorno como um material de pesquisa vivo e pulsante é parte de uma conduta de atuação comum aos artistas.



Podemos retornar por um instante ao homem que pintou a primeira caverna. O que buscava este homem quando marcava o campo com um instrumento de cor? Sabemos intelectualmente do aspecto ritualístico das artes primitivas e antigas, mas que questões internas moveram o braço deste ser humano em direção a um campo no qual expressaria formas e cores? Seria diferente das que nos move na contemporaneidade? Das que impulsionam uma criança a apresentar seu olhar por meio das mesmas formas e cores? Quando nos apartamos dele? No olhar transdisciplinar: unidade e complexidade. É como perguntarmos em que medida uma árvore se aparta do sol? Cada folha de seu corpo é o próprio sol transsubstanciado em árvore.

Na Carta de Transdisciplinaridade encontramos no Artigo 8<sup>7</sup>:

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar.

Assim, vemos que ser trans é da natureza da própria vida que nos *integra*. Ser trans é o próprio movimento do nascimento e da morte. Da renovação. Desta forma ao falarmos em prática transdisciplinar para ação educativa no campo das artes falamos igualmente de uma ação de *integração, transformação e transsubstanciação*.

### **3.0 Conclusão**

Vimos que são muitos os desafios encontrados para a práxis transdisciplinar. A soma de diferentes disciplinas não pode nos levar a transdisciplinaridade, pois desvirtua seus princípios substanciais ao criar uma colagem que não atua no núcleo formativo de cada conteúdo e que; se não for acionado, não poderá ocorrer a transdisciplinaridade. Trata-se então de mergulhar

na natureza interna de cada disciplina e integrá-las em práticas artístico-reflexivas nas quais as linguagens *atuem como meio e não como fim. Ser trans é estar entre:*

*A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a **unidade** do conhecimento. Haveria alguma coisa entre e através das disciplinas e além delas? Do ponto de vista do pensamento clássico, não há nada, absolutamente nada. O espaço em questão é vazio, completamente vazio, como o vazio da física clássica. Mesmo renunciando à visão piramidal do conhecimento, o pensamento clássico considera que cada fragmento da pirâmide, gerado pelo big-bang disciplinar, é uma pirâmide inteira; cada disciplina proclama que o campo de sua pertinência é inesgotável. Para o pensamento clássico, a transdisciplinaridade é um absurdo porque não tem objeto. Para a transdisciplinaridade, por sua vez, o pensamento clássico não é absurdo, mas seu campo de aplicação é considerado como restrito<sup>8</sup>”.*

Assim, a pesquisa transdisciplinar que se direciona para formação do professor de arte aponta para uma necessidade de pensar em abordagens metodológicas e artísticas que investiguem o *não-objeto* transdisciplinar, ou seja, observar a transdisciplinaridade em sua natureza de fluxo, enfatizando não **o que** será produzido, mas sim, **como** será produzido.

Desta forma, a integração entre valores transdisciplinares, comunhão de linguagens e pesquisa processual criadora – observados pela via do Conceito Ampliado de Arte e da Plástica Social – oferece-nos um caminho metodológico visto aqui como positivo para o desenvolvimento de ações que nos levam a trabalhar realmente por uma práxis transdisciplinar na qual a transubstanciação encontre um solo suficientemente oxigenado no cenário educacional para acolher os novos brotos ou ainda citando Beuys: “*Morrem as árvores velhas e outras novas nascem no lugar. Elas são o futuro*<sup>9</sup>”.

---

<sup>1</sup> NICOLESCU, B. Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2001.

<sup>2</sup> ROSENTHAL, Dália. O Elemento Material na obra de Joseph Beuys. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas. 2002.

---

<sup>3</sup> ROSENTHAL, Dália. **Do interno no Tempo**. Tese de Doutorado. Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas. 2010.

<sup>4</sup> GONZÁLES, Mónica O. **Joseph Beuys**. Tese de Doutorado. Departamento de Escultura Faculdade de Belas Artes. Univesidad del País Vasco. Lejona, 1993.

<sup>5</sup> ROSENTHAL, Dália. **Do interno no Tempo**. Tese de Doutorado. Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas. 2010. .

<sup>6</sup> ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo- Martins Fontes, 2007. p.247.

<sup>7</sup> **Carta de Transdisciplinaridade**. *Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade*. Portugal: Convento de Arrábida, 1994. Acesso em: [forumeja.org.br/df/files/carta\\_trans.pdf](http://forumeja.org.br/df/files/carta_trans.pdf) (acesso em 25/032012).

<sup>8</sup> NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento: Transdisciplinaridade**. 1o Encontro Catalisador do CETRANS /Escola do Futuro/USP. Itatiba, São Paulo, 1999.

<sup>9</sup> KRUGER, Werner. **Joseph Beuys: Qualquer indivíduo é um artista**. Berlim. Bonn:Internationes. 57 min, color. 1979. VHS.

## Referências

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo- Martins Fontes, 2007.

**Carta de Transdisciplinaridade**. Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. Portugal: Convento de Arrábida, 1994. Acesso em: [forumeja.org.br/df/files/carta\\_trans.pdf](http://forumeja.org.br/df/files/carta_trans.pdf) (acesso em 25/032012)

GONZÁLES, Mónica O. **Joseph Beuys**. Tese de Doutorado. Departamento de Escultura – Faculdade de Belas Artes. Univesidad del País Vasco. Lejona. 1993.

KRUGER, Werner. **Joseph Beuys: Qualquer indivíduo é um artista**. Berlim. Bonn:Internationes. 57 min, color. 1979. VHS.

NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília- DF. UNESCO, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento: Transdisciplinaridade**. 1o Encontro Catalisador do CETRANS /Escola do Futuro/USP. Itatiba, São Paulo, 1999.

ROSENTHAL, Dália. **Do interno no Tempo**. Tese de Doutorado. Instituto de Artes-. UNICAMP. Campinas. 2010.

---

**Dália Rosenthal** é docente do Departamento de Artes Plásticas (CAP) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e dedica-se a pesquisa transdisciplinar nas artes e na educação. Em seu trabalho visual caminha por diversas linguagens para criação de uma obra que investiga o ser humano na sua relação com a paisagem, seus símbolos e narrativas. Mestre em História da Arte e Doutora em Poéticas Visuais (UNICAMP) com a dissertação "O Elemento Material na obra de Joseph Beuys" e a Tese "Do Interno no tempo".